

- SIQUEIRA, M. J. T. A(s) Psicologia(s) e a categoria gênero; anotações para discussão. In: ZANELLA, A. V. et. al. *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre: Abrapsosul, 1997.
- VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor Distribuciones, 1991.
- ZANELLA, A. V. A Constituição do Sujeito em Vygotski e a Complexidade. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 27., 1999, Venezuela.

O PSIQUISMO HISTÓRICO E CULTURALMENTE CONSTITUÍDO E AS COMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS

IRENE FABRÍCIA EHRLICH¹

Resumo

Diante do quadro deficitário da Psicologia em compreender os quadros "psicopatológicos", recorremos à obra de Vygotski (1989, 1991) onde, embora atualmente contribua consideravelmente nas questões referentes à aprendizagem e desenvolvimento infantil, sua utilização é escassa para a compreensão das complicações psicológicas. O objetivo deste artigo é trazer à tona alguns pontos de suas pesquisas que revolucionam a compreensão do psiquismo e sua definição enquanto fenômenos dialeticamente constituídos nas relações históricas e culturais. Para tanto, assinalamos alguns elementos que esboçam a noção de psiquismo humano cultural e historicamente constituído, pois é exatamente nesse processo que ocorre a possibilidade de uma complicação psicológica. Poderemos verificar, deste modo, que os fenômenos psíquicos não ocorrem no "interior" da mente, mas na relação mediada com o mundo, e neste sentido, a concepção de psiquismo humano histórico e culturalmente constituído evidencia a inadequação do conceito de doença mental e sua prática decorrente. Concluímos este artigo marcando a necessidade da Psicologia aprofundar suas pesquisas neste âmbito das complicações psicológicas como fenômenos historicamente e culturalmente constituídos, já que assim supera-se o mentalismo e, por conseguinte, as conseqüências tão nefastas que essa compreensão traz para a vida concreta das pessoas.

¹ A autora é psicóloga, psicoterapeuta e mestrande em Psicologia pela UFSC. E-mail: feir@uol.com.br

Ou, que o pai queria envenená-la ou convencer-se que ladrões entravam em sua casa, quando nada disso estava acontecendo?

Por vezes argumenta-se que alguma causa social pode ter vindo a desencadear esse distúrbio mental. Na verdade defende-se que essa doença pode ser o efeito de diferentes causas: fisiológicas, genéticas, sociais, etc... quicá de todas juntas. Com isso, apenas aprofundamos o abismo entre o sujeito e a cultura.

“Embora os psicólogos mencionem, vez por outra, o caráter social dos fenômenos psicológicos, não chegam a compreendê-lo plenamente ou a valorizar seu caráter fundamental. Uma das razões para essa falha é que os fenômenos psicológicos são fragmentados intelectualmente em faculdades e comportamentos distintos. Essa fragmentação relega o caráter social à condição de mero componente desta ou daquela faculdade. Com isso, não se permite que o caráter social seja fundamental a todas as funções psicológicas. Em outras palavras, a visão associada da Psicologia dice-se numa visão atomista” (Ratner, 1995, p. 8).

Vozes formulando seus pensamentos; sinais de catatonia; retraimento autista; necessidade de mover-se e falar com correção estudada e escriptulosa. Como é possível compreender esse sofrimento de Maya sem partir da cisão sujeito x mundo, do pressuposto de doença mental, do distúrbio interno?

“Nunca foi muito fácil compreender o caráter social dos fenômenos psicológicos. Apesar de que um conjunto de relações sociais compõe nossos mais íntimos pensamentos, sentimentos e ações, cremos que a Psicologia se origina no interior de nosso corpo, em genes, hormônios, no cérebro e na vontade livre. Talvez essa visão associada se origine da natureza alienada da maioria das sociedades, o que faz com que a atividade individual pareça algo separado das relações sociais. Poder-se-ia pensar que o surgimento da Psicologia científica tivesse revelado o caráter social da atividade, de que se desculpava a experiência ingênua. Infelizmente, um século e meio de ciência psicológica foi incapaz de captar o impalpável caráter social dos fenômenos psicológicos. Evidentemente, a ciência psicológica foi subjugada pela ideologia mistificadora da sociedade” (Ratner, 1995, p. 7).

Diante deste quadro deficitário da Psicologia, recorremos à obra de Lev Semionovitch Vygotski, um dos fundadores da abordagem histórico-cultural na década de 20 na União Soviética. Embora atualmente sua obra contribua consideravelmente em diferentes pesquisas em Psicologia, principalmente nas questões referentes à aprendizagem e desenvolvimento infantil, sua utilização é escassa para a compreensão das *complicações psicológicas* e sua superação. Evidentemente, não pretendemos fazer aqui esse resgate, mas apenas trazer à tona alguns pontos de suas pesquisas que revolucionam a compreensão do psiquismo e sua definição enquanto fenômenos dialeticamente constituídos nas relações históricas e culturais. Para tanto, assinalamos alguns elementos que esboçam a noção de psiquismo humano cultural e historicamente construído, pois é exatamente nesse processo que ocorre a possibilidade de uma complicação psicológica.

A crítica de Vygotski: “o método evidencia o objeto”, ou “os fenômenos psíquicos como reações a estímulos”

Revisando a Psicologia de sua época, Vygotski aponta uma questão de base nas diferentes abordagens psicológicas que se evidencia nos mais variados experimentos. Tanto as abordagens subjetivistas quanto as objetivistas, apesar de suas divergências teóricas, utilizam nos seus experimentos o método de estímulo e reação. Isso é o mesmo que dizer que todo experimento em sua essência apresenta ao homem um estímulo que varia segundo a abordagem - pode ser situacional, fisiológico, etc - de estudo da sua reação, que também varia segundo o que se busca: o subjetivo isoladamente, as reações orgânicas, os comportamentos observáveis. De qualquer modo, o método de estímulo-reação é o coeficiente comum de todas as investigações psicológicas.

“Por muy peculiar y complejo que sea el tipo de estructura del experimento psicológico, no resulta nada difícil hallar la mencionada base universal, aunque sean muy diferentes los temas y procedimientos utilizados por el psicólogo. Se trata siempre de influir de alguna forma sobre el hombre, de prestarle unos u otras excitaciones, de estimular su conducta o su vivencia de un modo u outro, con el fin de estudiar, investigar, analizar, describir, comparar la respuesta al estímulo dado, la reacción que provoca este estímulo... Todas las divergencias en la metodología de las diversas corrientes y escuelas, toda la diversidad de formas y técnicas concretas, así como la multiplicidad de métodos deben su origen a la ramificación ulterior del método psicológico fundamental de la comprensión principal y la aplicación concreta. Todo esto empieza en el umbral de la suposición principal. El principio de estímulo-reacción como raíz común de todos los métodos psicológicos, como su principio o coeficiente común, debe ser extraído del pareccimiento y analizado como el indicador, común del método psicológico experimental moderno” (Vygotski, 1995, p. 48).

Que implicações a utilização desse método traz para a compreensão dos fenômenos psicológicos? O que está subjacente a este método? Qual a base, a compreensão do psiquismo humano que permeia, portanto, as diferentes escolas psicológicas?

A utilização do método de estímulo/resposta carrega consigo um pressuposto fundamental do ser do homem, a saber, que os fenômenos psíquicos são reações a estímulos.

“Alguns psicólogos consideram que la relación entre el estímulo y la reacción es el objeto más inmediato de la investigación; la reacción para ellos es un proceso puramente objetivo, similar a todos los demás procesos de la naturaleza. Para otros, el estímulo y la reacción constituyen el

marco exterior que brinda las condiciones para el experimento psicológico, a veces como síntomas de proceso interno e identifican plenamente la propia reacción como objeto de investigación psicológica, con el proceso psíquico interno o la vivencia que se investiga. En todo caso, desde el aspecto de la estructura formal tenemos derecho a examinar el principio estímulo-reacción como base común de todas las diversas formas de experimentación psicológica..." (Vygotski, 1995, p. 51).

Vygotski destaca que esse método em Psicologia pressupõe que o homem, do mesmo modo que os animais, torna-se este ou aquele em função das causas que agem sobre ele. Dependendo da abordagem, as causas ou estímulos que se acredita serem determinantes, mudam, mas o pressuposto de que o homem é um ser natural, que reage aos estímulos e que portanto é plenamente determinado por eles, permanece inalterado.

"El rasgo común que unifica todos los tipos y formas de experimento psicológico y que es inherente a todos ellos en distinta medida, y en la medida en que todos se apoyan en el principio de E-R, es el enfoque naturalista de la psicología humana: sólo sacando a la luz la existencia de ese enfoque y superándole será posible hallar un método adecuado para la investigación del desarrollo cultural de la conducta" (idem, 1995, p. 61).

Este apontamento de Vygotski não se refere a uma questão secundária em Psicologia. Trata-se de um elemento central na compreensão do fenômeno psicológico humano: os processos psíquicos, ao serem compreendidos como reações a estímulos, recebem o caráter de passivos. Ou seja, são mero efeito, pura reação a diferentes tipos de causas. O homem é, segundo esse pressuposto, à semelhança do animal comum, um ser passivo, que está à deriva de determinismos, sejam eles do meio, do inconsciente, do fisiológico, etc.

"El esquema de E-R y el enfoque naturalista de la psicología humana, que tras él se esconde, presuponen la pasividad del comportamiento humano como su rasgo fundamental. Empleamos este término de 'pasividad' en el mismo sentido convencional con que se aplica cuando se hace referencia al carácter pasivo de la adaptación de los animales a la diferencia de la adaptación del hombre" (idem, 1995, p. 62).

Neste sentido, nega-se a compreensão de que o homem constrói-se em um processo dialético e que, à medida que se faz, faz a história. O homem é considerado, a exemplo do animal comum, como produto de um processo natural e constitui-se este ou aquele a partir dos determinismos que agem sobre ele.

"De hecho el esquema E-R se aplica tanto al estudio de la conducta humana, como a la de los animales. En este simple hecho se encierra en síntesis la idea de que toda la diferencia cualitativa de la historia humana, todos los cambios en su naturaleza, todas las nuevas modalidades de su adaptación - todo esto no se refleja en el comportamiento humano, no

han provocado en el hombre ningún cambio esencial. Pensar así significa reconocer que la conducta humana se halla al margen del desarrollo histórico de la humanidad" (idem, 1995, p. 61).

Vygotski demonstra que este princípio não abrange o que há de especificamente humano no homem, o que é deixado à margem na medida em que o método utilizado pelas diferentes abordagens já pressupõe o objeto: o ser que reage passivamente a estímulos. Aplica-se a mesma fórmula aos animais e seres humanos e, com isso, estes métodos de investigação deixam escapar por entre suas mãos o que o caracteriza e distingue.

"Pero debido precisamente a que el método del E-R es aplicable por igual a todas las formas de la conducta, inferiores y superiores, resulta insuficiente para el estudio de las funciones superiores es inadecuado a su naturaleza ya que capta con ellas lo que tienen de común con los procesos inferiores y no sus cualidades específicas..." (idem, 1995, p. 60).

Chegamos aqui ao primeiro ponto das considerações de Vygotski que nos parece fundamental destacar: o fato de que as demais teorias, ao utilizarem o método de estímulo/reação, partem do pressuposto de que os processos psíquicos são reações a estímulos e, desta forma, consideram o homem sujeitoado somente, não tendo nenhum papel ativo no ser em que ele se constitui e na constituição dos outros, da história, na transformação da realidade. Em outros termos, Vygotski aponta como a Psicologia não reconhece o homem como um ser dialético, sujeitoado, considerando-o apenas sujeitoado a determinismos, sejam estes quais forem.

Propõe então outro método de investigação que considere a especificidade do humano, pois "el objeto y el método de investigación mantienen una relación muy estrecha... El método há de ser adecuado al objeto que se estudia" (Vygotski, 1995, p. 47).

Não é nosso objetivo aqui esclarecer o método desenvolvido por Vygotski, mas acompanhar suas conclusões no que diz respeito ao objeto da Psicologia, ou seja, o psiquismo humano. É precisamente neste percurso que ele aponta a demarcação de águas entre o ser do homem e do animal comum.

O homem e a relação mediada com o mundo

O homem estabelece um tipo de relação com as coisas, os outros, o passado, o futuro, seu corpo, que não pode ser reduzido ao comportamento do animal comum. Isso pode ser constatado na vida de todos os dias: por exemplo, ao escrever este texto, retomo as anotações de aulas, releio partes de alguns textos, consulto teses lidas. Não tiro a teoria das "inscrições" que a disciplina ou as leituras deixaram impressas em mim. Os pontos que pretendo destacar da teoria do autor não estão na minha "mente", estão nos textos empilhados em cima da mesa, nas anotações manuscritas espalhadas por toda a sala. Para escrever este texto utilizei-me dessas anotações, desses textos rabiscados; são eles e não outros os meios aos quais recorro para escrever este trabalho. A teoria de Vygotski não foi impressa na minha memória no decorrer de um semestre, nem durante as leituras. As anotações, os textos lidos é que me servem de meio para retomar os conteúdos e escrever este texto. É esse recurso a meios auxiliares para a realização de nossos atos que Vygotski explicita como a característica das funções psíquicas superiores são próprias do ser humano.

"La creación y el empleo de estímulos artificiales en calidad de medios auxiliares para dominar las reacciones propias precisamente es la base de aquella nueva forma de determinar el comportamiento que diferencia la conducta superior de la elemental y creemos que la existencia simultánea de los estímulos dados y los creados es el rasgo distintivo de la psicología humana" (Vygotski, 1995, p. 82).

Há, portanto, um tipo de relação com o mundo que é própria do ser humano, que não é direta, que não é reação imediata a um estímulo. O homem introduz meios auxiliares, utiliza-se da própria realidade para colocá-la a seu serviço e dirigir sua conduta. As anotações das aulas, os textos que selecionei, serviram de meios para pensar em tal trabalho, destacar tais pontos e não outros. Mas esse procedimento não é a reação a um estímulo. Os textos não eram o estímulo e o trabalho a reação. Isso fica claro se atentarmos ao fato de que fui eu que selecionei os textos que iriam mediar o meu trabalho, e que nesses textos recorri a tais pontos e não outros, que busquei esses meios auxiliares e não tantos outros possíveis. Os textos, as anotações, as teses podem ser denominadas nesta situação de signos enquanto meios auxiliares artificiais que mediarão a minha ação.

"Llamamos signos a los estímulos-medios artificiales introducidos por el hombre en la situación psicológica, que cumplen la función de autoestimulación... De acuerdo con nuestra definición, todo estímulo condicional creado por el hombre artificialmente y que se utiliza como medio para dominar la conducta - propia o ajena - es un signo" (idem, 1995, p. 83).

Verificamos, então, que o homem não se iguala ao animal, pois a sua constituição psicológica não é uma mera reação a estímulos. Ele se utiliza dos signos, ou seja,

de meios artificiais, eleitos por ele próprio a partir da realidade que lhe é dada, para mediar sua relação com os outros e consigo mesmo, para se localizar no tempo, para antecipar o futuro, para lograr a autorregulação de sua conduta e para a regulação da conduta dos demais. Trata-se portanto de um ser ativo, que age a partir das condições dadas, que se transforma transformando o mundo.

"... la actividad más general y fundamental del ser humano, la que diferencia en primer lugar al hombre de los animales desde el punto de vista psicológico es la significación, es decir, la creación y el empleo de los signos. Tomamos esa palabra en su sentido más literal y exacto. La significación es la creación y el empleo de los signos, es decir, de señalders artificiales" (Vygotski, 1995, p. 84).

O que significa, ao fim das contas, o homem criar e empregar signos? O que implica ele se utilizar de meios eleitos por ele próprio para mediar sua relação com o mundo? Que conseqüências concretas isso tem para a compreensão do psiquismo humano?

A verificação da relação mediada do homem com o mundo traz consigo a superação da cisão *sujeito x mundo, singular x social*. Não há mais necessidade de um espaço interno que se opõe ao externo. Não precisamos especular sobre o processo de *depuración* interna se nos atentarmos para esse modo de relação específica do homem. Não é mais necessário a mente, enquanto espaço interno, como aquela que arquiva nosso passado e regula nosso comportamento ou desregula, caso esteja com defeito.

No entanto, tão carregada é nossa civilização do "mentalismo" que é difícil pensar concretamente sem essa noção. Como é possível relembrar alguma coisa se isso não estiver na memória, em algum tipo de espaço, de arquivo? Deixemos que Vygotski nos responda:

"Un hombre necesita acordarse de algo, cumplir, por ejemplo, algún encargo, hacer una gestión, recoger alguna cosa, etc., entonces, como no confía en su memoria, suele hacer un nudo en su pañuelo o bien recurre a un procedimiento análogo como, por ejemplo, colocar un papelito bajo la tapa de su reloj de bolsillo, etc... El nudo debe recordarle más tarde lo que tiene que hacer. En efecto, como todos saben el nudo del pañuelo es, en ciertos casos, un medio seguro de recordación... Es esta otra operación inconcebible e implosible en un animal. En este hecho específico de introducir medios artificiales y auxiliares en la memorización, en la creación activa y el empleo de estímulos en calidad de instrumento de la memoria podemos ver, una vez más, el rasgo de un comportamiento nuevo y específicamente humano." (1995, p. 77).

Os fenômenos psíquicos não ocorrem no "interior", mas na relação mediada com o mundo. Essa mediação o homem realiza ativamente. É ele quem introduz, na sua relação com os outros, com as coisas, consigo mesmo, elementos dessa própria realidade para se mover no sentido que almeja. Assim, o homem constrói a história construindo-se este ou aquele, intervindo na realidade que se apresenta.

Essa relação ativa com o mundo torna desnecessário recorrer a algum acontecimento interno para compreender a constituição do homem, de sua singularidade psicológica.

A memória não é um espaço inacessível, mas é essa própria utilização de meios para retomar um passado e antecipar um futuro. São os textos que li, o nó no lenço que o homem se utiliza para lembrar de algo, o papelzinho sob a tampa do relógio que servem de "memória humana". Não é no nosso interior que encontramos o passado: são as coisas, com toda sua opacidade, que mediam a relação com nossa própria história. Ao tirar o relógio do bolso na ânsia de saber a quantas horas andam, o homem se depara com o papelzinho. Esse elemento é o meio auxiliar, posto por ele próprio não para ativar sua memória interna, mas o que lhe permite retomar a *relação anterior* com o próprio papelzinho, o que o papel significa para ele, o que incumbiu ao papelzinho lhe fazer retomar.

"La propia esencia de la memoria humana consiste en que el hombre recuerda activamente con ayuda de los signos. Sobre la conducta humana cabe decir, en general, que su peculiaridad en primer lugar se debe a que el hombre interviene activamente en sus relaciones con el medio y que, através del medio él mismo modifica su propio comportamiento, superdiñándolo a su poder. La propia esencia de la civilización, dice un psicólogo, consiste en que abrede levantamos monumentos y estatuas para no olvidar. En ele nudo y en el monumento se manifiesta la diferencia fundamental y característica entre la memoria del hombre y la memoria del animal" (Vygotski, 1995, p. 90).

Vale considerar que o conceito de memória enquanto espaço interno é crucial para a sustentação do mentalismo. No entanto, fica explícito, no trabalho de Vygotski, como é desnecessária essa noção para compreender a constituição psicológica do homem. O psíquico se constrói de modo ativo na relação do homem com o mundo, num mesmo plano concreto, material, sem o abismo do exterior x interior. A memória enquanto espaço interno, torna-se assim obsoleta.

Mas como o homem liga o papelzinho com o compromisso? De que modo ao ver o papelzinho ele retoma a situação passada, onde conferiu a esse meio auxiliar o encargo de lembrar tal compromisso? Ou, como ao ver o nó, o homem faz essa ligação com o passado sem o apelo a um aparelho interno que faça essa relação? É precisamente o que a utilização de meios auxiliares evidencia. O homem liga o nó com o compromisso pela faculdade de pensar que lhe é própria. Pensar é "ligar algo com algo", é relacionar o que ele vive concretamente, é se utilizar da materialidade para se mover no tempo real, no processo histórico.

"Todo pensamiento trata de unir algo con algo, de establecer una relación entre algo y algo. Todo pensamiento posee movimiento, fluidez, desarrollo, en una palabra, el pensamiento desempeña una función determinada, un trabajo determinado, resuelve una tarea determinada" (Vygotski, 1992, p. 296).

É nessa relação mediada com o mundo, refletindo, ligando o nó com o compromisso, as anotações das aulas com o trabalho a ser escrito, que compreendemos a operação que o homem faz para memorizar. É ele que pensa, que realiza uma ação, não é uma mente que é ativada.

"Si reflexionamos en el hecho de que en el nudo, que hace para acordarse de algo el hombre en realidad está construyendo desde fuera el proceso de recordación, está obligando a un objeto exterior a hacerle recordar lo que debe hacer, es decir, se hace recordar a sí mismo por medio de un objeto exterior como si sacara de esse modo el proceso de memorización fuera, convirtiéndolo en una actividad externa; si ahondamos en la esencia de lo que ahí ocurre, esse simple hecho nos revela la profunda peculiaridad de las formas superiores de conducta" (Vygotski, 1995, p. 90).

O homem pensa, inclui meios auxiliares artificiais, o que lhe possibilita a sua autoregulação. O psicológico, ou seja, a personalidade do homem, é construída na relação concreta com os outros, com a materialidade, com seu corpo, no cotidiano, num processo sempre aberto, num por vir que nunca se esgota. Na construção ativa do ser, o homem significa o mundo e a si próprio, modifica o mundo e é modificado por este. Neste sentido ele é um ser cultural, constrói a história na medida em que se constrói.

O psicológico ou a personalidade, por sua vez, constitui exatamente a totalização histórica de experiências produzidas na vida de relações. Não é um fato isolado que constitui uma personalidade, no sentido de que ninguém se constitui este ou aquele, suscetível a tais coisas e valente perante outras num só ato. A constituição da personalidade é um processo histórico e, portanto, sempre inacabado. O homem é esse processo histórico, e não fatos isolados.

"Las formas culturales de la conducta son, precisamente, las reacciones de la personalidad. Al estudiarlas, no tratamos con procesos aislados, tomados in abstracto, y que se producen en la personalidad, sino con la personalidad en su totalidad, con la personalidad superior como dice Kóretscher. El estudio del desarrollo cultural de las funciones psíquicas nos permite trazar el camino del desarrollo de la personalidad del niño. En ello se manifiesta el intento de crear la psicología del hombre, que es la meta de toda nuestra investigación. La psicología se está humanizando" (idem, 1995, p. 89).

É na relação com os outros concretos, com o contexto material, palpável, com a racionalidade, com as possibilidades concretas que o homem se constrói este ou aquele. Não há determinismo, há relações a serem construídas, personalidades como processo sempre em aberto de *vir a ser*, uma tensão constante resultando das relações mediadas ativamente pelo homem. À luz desta compreensão do psiquismo humano, o que podemos considerar sobre as complicações psicológicas?

Considerações Finais

O psiquismo humano histórico e culturalmente constituído e a ruptura com a doença mental

Se o psicológico não é algo inato, interno, resultante de diferentes estímulos mas construído ativamente pelo homem na relação com os outros homens, mediado por significados construídos pelo próprio homem num processo histórico em constante movimento, é possível dizer que as complicações nesse psicológico são *interiores, mentais, inatas, pré-determinadas, que surgem de repente?*

Maya tornou-se convencida de que seu pai queria envenená-la, de que a diretora queria expulsá-la da escola por estar com a *mente enferma?* Não se tratará de um processo de relações concretas com um pai singular, com uma mãe específica, com os professores reais, colegas concretos, no decorrer de sua história? Não tem relação com o mundo material onde cotidianamente vive? Talvez não tenha algo a ver com o que ela vem historicamente significando, os meios auxiliares que ela vem elegendo dentro das possibilidades que encontra na história vivida a cada dia? Foi a sua mente que se enfermou, ou é nesse processo histórico de relação mediada com o mundo que ela vem se complicando no conjunto de sua personalidade?

A concepção de psiquismo humano histórico e culturalmente constituído evidencia a inadequação do conceito de doença mental e sua prática decorrente. Intervir junto a uma pessoa considerando-a causa e consequência de si mesma, ou seja, resultante de qualquer determinismo, é desconsiderar a realidade humana que se impõe, sendo que esta mesma realidade humana é inegavelmente cultural e histórica.

Parece que cabe à Psicologia aprofundar suas pesquisas neste âmbito das complicações psicológica como fenômenos historicamente e socialmente construídos, já que assim supera o mentalismo e por conseguinte as consequências tão nefastas que essa compreensão traz para a vida concreta das pessoas.

Referências

- LAING, R. D. Sanidade, Loucura e a Família. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.
- RATNER, C. A Psicologia Sócio-Histórica de Vygotski: Aplicações Contemporâneas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- VYGOTSKI, L. S. Desarrollo de las funciones mnemónicas y mnemotécnicas. In: *Obras Escogidas*. Madrid: Visor Distribuciones, [s.d.], p. 247-263.
- _____. Génesis de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995. p. 139-168.
- _____. A memória e o seu desenvolvimento na infância. In: *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995. p. 29-47.
- _____. Método de investigación. In: *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995. p. 47-96.
- _____. Pensamiento y palabra. In: *Obras Escogidas II*. Madrid: Visor Distribuciones, 1992. p. 287-168.